



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA

**A LITERATURA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

KAROLINE MOREIRA DE ARAÚJO

BRASÍLIA

2017

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
KAROLINE MOREIRA DE ARAÚJO

**A LITERATURA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a banca examinadora da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, orientada pela Professora Doutora Cristina Massot Madeira Coelho.

BRASÍLIA

2017

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
KAROLINE MOREIRA DE ARAÚJO

A LITERATURA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Brasília, julho de 2017

Banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso

Professora Doutora Cristina Massot Madeira Coelho - Orientadora
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Professora Doutora Paula Gomes de Oliveira – Membro Interno
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Professora Doutora Maria Aparecida Camarano Martins – Membro Externo
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Professora Débora Cristina Sales da Cruz Vieira – Suplente
Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus por me conceber a vida e me capacitar na busca em realizar meus sonhos.

Aos meus pais, por serem meu porto seguro, me fortalecendo com palavras e atitudes e encorajando a prosseguir em minha caminhada.

Aos meus familiares, de modo geral, pelo carinho, incentivo e por serem exemplos de perseverança e conquista. Em especial a minha vó Maria e meu vô José que hoje me acompanham de outro lugar, mas que em vida sempre me desejaram o melhor. Grata pela vida da minha Tia Marla que durante todo o curso de Pedagogia me ajudou na realização de trabalhos.

À igreja e os irmãos em Cristo por todas as orações e alegrias compartilhadas.

Minhas considerações aos amigos com os conselhos e ajudas oferecidas durante a realização do trabalho, em especial Amanda por àquelas horas e horas sentadas a mesa.

Meu reconhecimento à Orientadora Cristina, pelo acompanhamento e comprometimento na realização deste trabalho, pelas palavras de encorajamento.

À Universidade de Brasília pelo apoio institucional e pelas oportunidades oferecidas para que a realização e conclusão deste curso se tornassem possíveis. Pela honra de conviver com diferentes pessoas que de alguma forma colaboraram em minha formação acadêmica.

Memorial

Chamo-me Karoline Moreira de Araújo, tenho 21 anos, nasci no dia 27 de setembro de 1995. Meu pai, Adauto, aos 51 anos é aposentado da Polícia Militar do Distrito Federal; minha mãe, Zilda, há mais ou menos 9 anos ficou desempregada e desde então cuida da nossa casa. Tenho um irmão mais velho que cresceu com meus avós paternos em Sobradinho-DF. Minha vida transcorreu em Planaltina- DF onde guardo e ainda partilho os mais variados momentos.

Comecei minha vida educacional em 2000 de quatro para cinco anos de idade, em um colégio particular chamado Colégio Franciscano Irmã Maria Assunta, como o próprio nome sugere, se tratava de um colégio de freiras muito ligado a questões religiosas. A escola ficava bem próximo a minha casa e era considerada uma boa escola por proporcionar uma educação de qualidade. A qualidade a qual me refiro está relacionada à preocupação que a escola tinha pelos sujeitos que estavam inseridos nela, em relação ao desenvolvimento integral, onde se leva em consideração todos os valores que movimentam nossa vida.

Nessa época quem me levava à escola era meu pai, pois minha mãe trabalhava e saía muito cedo. Alguns dias coincidiam de meu pai estar trabalhando e não poder me levar, cabia a minha tia Marli essa “missão” ou ao meu avô já que a escola ficava em frente à “pracinha” em que ele fazia exercício. Eu amava ir à escola com meu pai, porque sempre íamos caminhando bem tranquilamente, quando eu me cansava ele me pegava de um lado e a mochila do outro, e lá íamos nós.

Tenho ótimas lembranças dessa escola, guardo o nome de todas as professoras que passaram em minha vida, mas há duas que tenho um carinho especial... Minhas duas professoras do “Jardim de Infância”, a primeira Gardênia, que talvez tenha sido uma das inspirações pela escolha do curso, preservo contato com a mesma até hoje. E a professora Lueni que tive contato por dois anos consecutivos, no Jardim II e III. No Colégio Franciscano partilhávamos de muitos momentos bons, era um ambiente muito agradável, com muito contato com a natureza. Lembro perfeitamente que todo início de ano, plantávamos sementes de frutas ou temperos desses pacotinhos que encontramos em supermercados, agropecuárias... E pelo menos uma vez na semana íamos até o local aguardar as plantas, ou melhor, o projeto de plantas. As salas eram sempre bem organizadas e bem espaçosas e ao meio, no caso dos

Jardins de Infância, tinha um grande círculo. Ao escrever esse texto, parece que eu “viajo no tempo” e me surgem muitos acontecimentos, um deles é que todas as vezes que voltávamos do “lanche”, a professora distribuía tapetes para que pudéssemos relaxar um pouco, ao som de uma música muito calma e só depois desse momento é que retornávamos as atividades. E falar em lanche, recordo-me de que saímos pela escola cantando: “Meu lanchinho, meu lanchinho, vou comer, vou comer, pra ficar fortinho, pra ficar fortinho e crescer e crescer” e antes da refeição fazíamos o momento do agradecimento.

Nesse colégio tínhamos contato com a literatura, pois a mesma possuía uma pequena biblioteca, eu sempre ficava fascinada por aquele lugar. O contato com o “mundo” das histórias acontecia das mais variadas formas, não só na sala de aula, mas também nas aulas de informática e sala de vídeo, onde assistíamos muitos desenhos relacionados às fábulas e com ligação a histórias bíblicas. O contato com as histórias da bíblia acontecia na escola e na igreja que minha mãe frequentava e me levava junto.

Ao final do Jardim II, meu pai foi convidado a ir ao colégio para uma proposta, devido ao meu rendimento satisfatório queriam me encaminhar diretamente à antiga 1ª série, ou seja, eu iria “pular” o Jardim III; porém meu pai recusou a proposta porque considerou que em relação a outros fatores eu não estivesse “preparada” para essa mudança e que talvez isso me prejudicaria em algum momento de minha trajetória escolar. Ao final do Jardim III eu já sabia escrever meu nome corretamente e ler, com direito a formatura.

Cursei o Ensino Fundamental até a 4ª série nesse colégio, pois o mesmo só oferecia o ensino até essa fase. A partir da 1ª série comecei a ter contato com mais de uma professora, por exemplo, tinha uma para Educação Física, para a aula de Língua Inglesa enfim mais pessoas para eu conseguisse interagir, além dessa mudança comecei a ter contato com as terríveis provas, um verdadeiro terror. Me deixava indignada o fato de na hora da prova esquecer tudo o que eu havia estudado, e aquele medo de não conseguir atingir a média e principalmente das brigas do meu pai em relação a notas, ainda bem que tinha minha mãe para contornar a situação, pois ela sempre foi mais tranquila em relação as mesmas. Quando finalizei a 4ª série foi uma verdadeira tristeza, ia me separar de muitos amigos que estavam comigo desde sempre, apenas uma amiga iria continuar estudando comigo, pois nossos pais estavam querendo nos colocar na mesma escola, o nome dessa amiga é Juliana Bispo.

Minha nova escola, Centro Educacional Delta também situada em Planaltina-DF, considerada uma das melhores escolas, por seu alto índice de aprovação na Universidade de

Brasília, a partir disso podemos tirar algumas conclusões da mesma. Entrei na escola em 2007 na 5ª série, com um professor para cada matéria. No início foi bem difícil de me adaptar com tantas provas, tantos conteúdos, e eu via muitos alunos que no 3º bimestre eram retirados da escola, pois corriam o risco de reprovar ao final do ano. Nessa escola estudei até concluir o Ensino Médio e em todos os anos exceto na 8ª série e 3º ano do Ensino Médio que eu não fiquei em “recuperação”.

Na escola era tudo muito diferente da anterior, desde o contato com os professores e funcionários em geral até a estrutura da mesma. Era um prédio enorme com tudo fechado, sem nenhuma árvore, o “pátio” com a cantina e algumas mesas de “ping-pong”, tinha um auditório imenso (de lá guardo muitos momentos bons), muitas salas de aulas distribuídas em um longo corredor e um ginásio, onde praticávamos a Educação Física. O contato com os professores era bem restrito ao conteúdo, só conversávamos sobre os assuntos caso sobrasse tempo da aula. O fato é que essa escola era muito conteudista, pouco se importava em promover momentos de interação entre as pessoas, exceto quando reunia todas as turmas no auditório para comemorar alguma data comemorativa, por exemplo, dia dos professores, do estudante, dia da mulher, dentre outras.

Tudo era voltado ao conteúdo, não havia espaço para rodas de conversas, ou mesmo debater sobre o mesmo. Era verdadeiramente uma “transmissão” de conteúdo, onde nós recebíamos tudo como verdade, sentados um atrás do outro e nos lugares devidamente decididos pelo professor conselheiro da turma desde o início do ano. No Ensino Médio veio forte a pressão sobre a entrada na Universidade de Brasília por parte da escola, até mesmo as provas eram feitas no estilo e bem próximo ao nível das provas do PAS, vestibular e ENEM. Eu nem sabia o que era UnB, sabia que eu precisava entrar de qualquer forma.

Foi quando comecei a pesquisar sobre profissões que me interessavam principalmente as que eu considerava que mudavam a vida das pessoas, que eu realmente fosse importante para elas e as ajudassem.

Quando era muito pequena, com meus 5 anos, sempre comentava que queria ser dentista, por gostar muito da minha, mas era algo mais voltado a admiração pela pessoa do que pela profissão, já que eu nem entendia o que viria a ser o mundo do trabalho. Minhas brincadeiras de infância sempre eram voltadas a “escolinha”, eu e minhas primas Layane e Amanda, passávamos horas brincando, mas não era sempre que estávamos juntas. Na maioria das vezes eu brincava sozinha, brincadeiras voltadas para trabalhar diretamente com outras

pessoas, ora brincava de atendente do banco, ora recepcionista em Clínica, mas a grande maioria das brincadeiras envolvia o contexto escolar.

Com o passar do tempo, com tantas cobranças de estudo parece que nos perdemos, e as brincadeiras começam a ser deixadas de lado. Quando entrei no Ensino Fundamental mais precisamente, a partir da 5ª série atualmente 6º ano, pedi de presente ao meu pai um quadro de pincel. O quadro era uma forma de aprender brincando, pois eu pegava todo o conteúdo que estava estudando e começava a “dar aula” e dessa forma eu estudava para a prova e assim sucessivamente, ao mesmo tempo em que eu “ensinava” aos meus alunos imaginários, aprendia.

O tempo foi passando, as necessidades foram mudando e a responsabilidade aumentando. Ao final do meu 3º ano do Ensino Médio, me vi obrigada a decidir o meu futuro, sem muita orientação quanto àquela decisão, tive que rever muitos acontecimentos da minha vida, o que realmente eu gostaria de fazer e o que fazia sentido para mim naquele momento. Há algum tempo estava inserida como ajudante da classe de crianças na igreja que eu frequentava e até hoje ainda faço esse trabalho, algumas vezes ajudei amigas que estavam com dificuldades na escola, dentre outras questões. Então, decidi que seria professora, mas especificamente “professora de criança”

A escolha não foi tão fácil quanto parece ser, enfrentei alguns obstáculos e preconceitos. Escolhi a pedagogia, mas por vezes tentei pensar em qualquer outra coisa, como, por exemplo, fisioterapia ou psicologia, pois estariam dentro do que eu ansiava desde o início que era “transformar” a vida das pessoas. Estava participando de dois processos seletivos pela Universidade Estadual de Goiás- UEG e pela Universidade de Brasília - UnB, respectivamente SAS e PAS. Quando vamos realizar a última etapa, precisamos escolher um curso, na UEG na época eu poderia escolher dois cursos, um como primeira opção e outro como segunda, diferentemente da UnB que era somente uma opção. Realizei as provas, concorrendo ao curso de pedagogia e não estava tão confiante de que conseguiria.

Não passei no processo seletivo da UEG, e já estava pesquisando valores de faculdades particulares. No dia que saiu o resultado do PAS, eu nem sabia, até o momento que recebi uma ligação de uma amiga, já citada, Juliana, me dando a notícia que havia visto meu nome. Na hora não sabia como reagir, se ria, se chorava ou se fazia os dois. Foi uma alegria que contagiou a todos, estava na casa dos meus padrinhos que ficaram muito felizes como a minha nova conquista. Minha madrinha, Amanda (minha prima e amiga de infância para a

vida) e eu não conseguíamos ficar paradas, pulávamos tanto, não consegui esperar, fui ao encontro dos meus pais, a quem eu devia toda aquela alegria.

Entrar na Universidade de Brasília foi um presente de Deus para mim, na realidade para toda minha família, justamente pelo fato dos meus pais não terem tido a oportunidade de estudarem no Ensino Superior, e eu ser a primeira neta a entrar na UnB.

Ao iniciar o curso tinha uma visão muito fechada, que a Pedagogia estava restrita a trabalhar com as crianças, ligado ao gostar de criança. Ao longo dos semestres, a visão foi sendo ampliada, por exemplo, com as aulas de Projeto 2 com o professor Renato Hilário que trazia às aulas vários profissionais da pedagogia, que trabalhavam em diferentes contextos e funções. Outras disciplinas também contribuíram de muitas formas em minha formação, cada uma com sua especificidade. Mas, meu foco ainda era e é o contexto escolar, o trabalho com as crianças, pois as vejo como o futuro, e que é preciso ter uma atenção e uma sensibilidade em relação a elas.

Hoje, no 7º semestre do curso de Pedagogia, diante de tudo que ouvi e vivi, percebo a criança como ser ativo que através das relações sociais que são estabelecidas se desenvolve e se expressa em relação ao mundo que a cerca. E que o meu papel como educadora é proporcionar aos sujeitos esse desenvolvimento de forma favorável, que faça sentido tanto para mim quanto para eles. Por esse e tantos outros motivos, percebo que a Literatura Infantil pode contribuir de forma satisfatória no aprendizado e desenvolvimento das crianças, atendendo a várias necessidades e principalmente auxiliando em uma boa relação e favorecendo as interações, pois acredito que só a partir disso é que conseguimos aprender e nos desenvolver.

Tudo que vivenciei na minha vida pessoal, educacional e acadêmica me fizeram e ainda me fazem refletir sobre qual é o meu papel e principalmente enxergar cada sujeito como único, dono de sua própria história que está em constante construção, onde o outro tem muito a contribuir, só que para que haja de fato essa contribuição é preciso que se criem pontes, onde eu perceba de fato a importância do outro.

Resumo

O presente trabalho se constitui em um estudo de caso sobre a interação de crianças, professores da Educação Infantil em práticas pedagógicas que envolvem a literatura. Levando em consideração que o contato com a literatura acontece desde muito antes da entrada da criança na escola, sendo visto como um momento prazeroso, mas que possui um papel significativo nas relações que a criança estabelece com o mundo real e imaginário, e assim considera-se que o contato com a obra literária tem impacto no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Seguindo essa ideia, neste estudo pretendi compreender como a literatura ganha valor, sendo trabalhada como prática pedagógica. Neste contexto, o presente trabalho se baseia em um estudo de caso que tem como foco central, o uso da literatura como prática que repercute nas interações dentro e fora de sala no contexto da Educação Infantil, verificar como um educador possibilita sua prática docente com a literatura e a relação disso com os documentos legais. O estudo apoiou-se na realização da prática docente do estágio supervisionado, desenvolvida com uma turma de pré-escolar, especificamente o 2º período, constituída por 22 crianças, em uma escola de Educação Infantil da rede pública na cidade de Planaltina-DF. O resultado diz respeito às práticas realizadas e as mudanças nas interações durante um ano letivo, durante as atividades que partiam da escolha de uma história (literatura).

Palavras-chave: Literatura, Interação, Educação Infantil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - A EDUCAÇÃO E OS DOCUMENTOS LEGAIS	15
1.1 Educação Infantil e seus sujeitos.....	17
1.1.1 Questões sobre a Base Nacional Comum Curricular	18
1.1.2 A criança da Educação Infantil	21
CAPÍTULO 2 - A LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	22
2.1 Um pouco da história	22
2.2 O contato com a literatura	23
2.3 A Literatura na Educação Infantil	25
CAPÍTULO 3 – O EDUCADOR E A LITERATURA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA	28
3.1 Afinal, o que é ser educador?	28
3.2 Literatura como prática pedagógica	29
CONSTRUÇÃO DO OBJETO	32
4.1 Questões e Objetivos da Pesquisa	32
METODOLOGIA	33
5.1 Pesquisa Qualitativa	33
5.2 Caracterização da Escola.....	34
5.3 Caracterização da Turma e Sala	35
5.4 Relato de Experiência.....	36
6. DISCUSSÃO	38
6.1 “Onde estamos?”	39
6.2 “Casa sonolenta”	40
6.3 A história da minha família.....	42
6.4 “Eleições no jardim”	44
6.5 “Quem tem medo de monstro?”	45
6.6 A história do ajudante do dia.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

Introdução

A literatura é algo que nos possibilita viver o novo, tanto no “mundo da fantasia” quanto no mundo real, pois ilustra acontecimentos que refletem em nossa vida. Durante a leitura de histórias, as crianças interagem com as mesmas, com curiosidade em relação ao que vai acontecer, o que cada personagem vai fazer, se entregando e participando daquele momento.

Precisa-se levar em consideração que na infância, gera-se o interesse pelas histórias transformando as crianças e o seu desenvolvimento emocional, físico, cognitivo e social da criança. Percebendo que a literatura possibilita respostas para o mundo infantil e uma melhor percepção do mundo e da realidade que cerca as crianças, mediante esse fato o professor necessita saber lidar com tal recurso, sempre estimulando a criança ir além. Que a partir do “ouvir histórias”, se estimule o desenho, a imaginação, a descoberta, o teatro, dentre outras possibilidades, ou seja, a literatura como prática pedagógica.

Ao recordar a infância, é possível perceber a presença das histórias em diferentes contextos. E como cada história tivesse contribuído de forma significativa para compreender o mundo ao meu redor, cada uma com sua especificidade.

Sempre notei a literatura, os momentos das histórias como algo essencial e importante. Ao começar o estágio supervisionado, estar inserida em uma escola que tem as “histórias” como ponto chave para desenvolver todo um trabalho, serviu para fortalecer minhas convicções a respeito das mesmas.

Sempre se fala em despertar o prazer pela leitura através da “contação de história” a qual considero fundamental, mas também é preciso pensar em como esses momentos podem favorecer nas relações que são estabelecidas, como a literatura quando pensada dentro de um planejamento, como instrumento pode favorecer nas interações.

Na turma em que estagiei as crianças realizavam as atividades propostas, porém notava que a grande maioria quando se deparava em momentos de diálogo e interação com os outros se “fechavam”, e essa situação se refletia nas brincadeiras, por exemplo, com relativos isolamentos por parte de alguns.

Os momentos de histórias se caracterizavam como um momento dinâmico e de muita admiração por parte das crianças, onde era possível perceber uma grande atenção da maioria da turma, os olhares curiosos, as expressões em cada nova história contada. A partir disso “nasceu” a vontade de utilizar a literatura como prática pedagógica que refletisse nos relacionamentos e na compreensão de mundo, onde fosse possível ganhar a confiança das crianças e desta forma, promover as trocas que facilitassem o diálogo, o falar de si, o ouvir o outro, enfim interagir de forma agradável com contribuição na aprendizagem e desenvolvimento integral de todos.

Assim, a prática pedagógica com a literatura passa a ser, um recurso que motiva e desafia. Eficiente na transformação de um indivíduo em sujeito ativo e responsável que se torna capaz de compreender cada contexto e remodelá-lo de acordo com sua necessidade, interagindo com a história e com as pessoas que estão compartilhando a mesma.

Esse trabalho tem como objetivo compreender como a literatura ganha valor, como prática pedagógica na Educação Infantil. E principalmente na garantia do direito da criança em ter acesso às diferentes linguagens e domínio pelos vários gêneros e formas de expressão.

Com as observações e práticas pedagógicas durante estágio docente supervisionado, surgiram questões em relação ao uso da literatura como prática docente, não mero “passatempo”, mas como instrumento que contribui de forma significativa nas relações e interações dentro e fora de sala com um importante destaque na aprendizagem e desenvolvimento pessoal, cognitivo, social das crianças de 4 e 5 anos que estão na Educação Infantil, desde aprendizagem de valores, desenvolvimento da linguagem, imaginação até as interações sociais entre as crianças-crianças, crianças-professoras.

Este trabalho teve como metodologia o estudo de caso, onde foi realizada uma pesquisa qualitativa fundamentada durante o período do estágio, tendo como foco a literatura percebida como prática pedagógica que traz resultados no processo educacional das crianças da Educação Infantil.

Este trabalho de Conclusão de Curso é constituído de seis capítulos, que buscam ilustrar a escolha do tema, bem como três capítulos de referencial teórico, objetivos, metodologia, discussões e as considerações finais sobre o uso da literatura como prática pedagógica na Educação Infantil. Primeiramente, temos no primeiro capítulo uma apresentação dos documentos legais referentes à Educação Infantil, como uma forma de nos

situar quanto aos direitos das crianças; no segundo capítulo temos a literatura no contexto da Educação Infantil, como prática pedagógica que contribui para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças; e no terceiro capítulo trata-se do papel do educador no trabalho que será desenvolvido. A construção do objeto de pesquisa nos indica a pergunta que gerou os objetivos sendo o geral e os específicos em relação ao uso da literatura como prática pedagógica. A metodologia traz a finalidade da realização deste trabalho, com abordagem qualitativa dentro do estágio supervisionado. As discussões envolvem os relatos de experiência referentes à literatura utilizada como prática pedagógica, com descrição das atividades desenvolvidas, por fim, as considerações finais.

CAPÍTULO 1 -A EDUCAÇÃO E OS DOCUMENTOS LEGAIS

No primeiro capítulo deste trabalho trataremos sobre a educação, por meio dos documentos legais, desde o documento mais geral fazendo referência a Constituição de 1988, até contemplar documentos que são mais detalhados a respeito da Educação Infantil. A importância de trazer os documentos é auxiliar na compreensão de quem são os sujeitos e quais os objetivos que se busca atingir por meio da educação, uma vez que são norteadores para o processo educativo.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Constituição Federal, 1988)

A citação acima, retirada da Constituição Federal, garante que a educação é um direito de todos, devendo ser cumprido pelo Estado no sentido de oportunizar e ofertar as vagas e a família com o seu papel em matricular e acompanhar o atendimento em todas as etapas do ensino. A educação é necessária para a formação de todos os sujeitos, onde por meio dela pode-se enxergar um futuro melhor, com mais igualdade de direitos, uma vez que educação não se restringe a conteúdos, vai muito mais além, está ligada à formação integral.

Para que todos tenham acesso a uma educação de qualidade, é preciso que cada agente entenda o seu papel, pois a educação sozinha não transforma os sujeitos e tampouco a sociedade. Começando pelo Estado, sendo que este é o principal instrumento que assegura a educação, sendo garantida através de ações e políticas públicas para que haja um funcionamento favorável a todos, dando estrutura no que for preciso para o seu desenvolvimento. Os profissionais que trabalham com educação, destacando nesse caso a educação formal, necessitam ter consciência de seus direitos e deveres, para que dessa forma possam exercer de fato sua função. E não menos importante o papel da família e da sociedade. Por isso, é de extrema importância que todos caminhem juntos e no mesmo sentido. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacionais (1996) contempla qual é a finalidade da educação básica, não esquecendo que desde 2009 esta atende também a Educação Infantil, além do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. (LDBEN/96)

O compromisso da escola perpassa a organização do conhecimento e favorece na aprendizagem e desenvolvimento dos educandos, enxergando-os como capazes de se

desenvolverem individualmente e em grupo, baseado na aceitação das diferenças, uma vez que o exercitar a cidadania abrange o conhecimento científico e a convivência social. A educação é uma troca de experiências, o educador é alguém que possibilita o criar, produzir e desenvolver conhecimentos, esse conhecimento não se limita aos conteúdos, matérias, mesmo que estes estejam incluídos no processo, uma vez que a educação é um verdadeiro preparo para o exercício da cidadania e a qualificação do trabalho.

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (LDBEN/96)

A educação começa na instância familiar, onde a criança começa a se relacionar com as pessoas e com o mundo, construindo valores com os quais está envolvida e que por meio desses começam a conduzir a convivência humana. Nesse sentido, logo em sequência temos a continuação de tal processo com a participação e complementação da escola, como é dito no artigo 2º da LDBEN (1996) “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando (...)”.

Sem dúvida, tratar sobre a educação é algo profundo, uma vez que se trata de uma necessidade, e que muitas vezes é colocada de lado por algum de seus agentes que não a valorizam, deixando-a em segundo plano. Dessa forma a educação de qualidade só é possível quando há mobilização em favor da mesma, com reivindicações de direitos, com cumprimento dos papéis tanto dos órgãos e profissionais que competem ao cargo quanto da sociedade como um todo.

Entender que o Estado tem o dever de garantir a educação a todos é importante, mas não é suficiente, cabe a cada sujeito exigir seus direitos e muito mais cumprir o seu papel. Mas, para que existam sujeitos participantes e ativos em diferentes contextos, cabe destacar que a educação tem essa atribuição, é por meio dela e de como é tratada e valorizada que se formam esses sujeitos, dando oportunidade para que desde muito cedo percebam o mundo a sua volta, possibilitando que se expressem e opinem, ou seja, formando sujeitos críticos que não tem os conhecimentos como verdades absolutas

1.1 Educação Infantil e seus sujeitos

A educação da criança é um direito reconhecido em lei. Começando pela Constituição Federal de 1988 (CF/88) diz que é dever do Estado a efetivação da garantia da Educação Infantil, em creches e pré-escolas, às crianças até 5 anos de idade. (Art. 208, IV).

Juntamente com a Constituição Federal, o direito à Educação Infantil vem sendo tratado em outros documentos, como por exemplo, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDBEN (1996), no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA (Lei nº 8.069/1990) temos explicitado os direitos da criança e adolescentes e os princípios que devem nortear as políticas de atendimento e no Plano Nacional de Educação- PNE (Lei nº 10.172/2001). A Lei Federal nº 12.796/2013, altera a LDB 9.394/1996 determinando a educação obrigatória e gratuita no atendimento às crianças e adolescentes de 4 a 17 anos, cabendo a família a obrigação de matricularem suas crianças na pré-escola.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (1996) (Lei Federal, 9.394/96 (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)), em seu artigo 29:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

A Educação Infantil desempenha o papel de proporcionar diferentes experiências às crianças, podendo ser ofertada em período integral ou parcial. Ela divide sua oferta em dois grupos creche e pré-escola, sendo que primeira tem teor optativo para crianças de 0 a 3 anos de idade, no caso da segunda sua oferta e matrícula são obrigatórias para crianças de 4 e 5 anos, essa obrigatoriedade foi garantida por meio da Emenda Constitucional 59/2009.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) também contempla em seu artigo 31º que a Educação Infantil será organizada com regras comuns, logo no inciso I temos que a avaliação não terá o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao Ensino Fundamental, mas como forma de acompanhamento e registro.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica – DCNEB (2013) são fundamentais para evidenciar e sistematizar princípios e orientações que tratam das organizações, articulação, desenvolvimento e avaliação das propostas pedagógicas que contribuem para assegurar a formação básica com foco nos sujeitos. As propostas pedagógicas orientam as ações da instituição de ensino e nelas são definidas as metas para o

desenvolvimento das crianças. Evidentemente, a criança é centro do planejamento, considerado sujeito histórico e de direitos que mediante as interações, relações e práticas cotidianas se desenvolvem.

As Diretrizes Curriculares da Educação Infantil – DCNEI (2013) vinculam-se as DCNEB reunindo princípios, fundamentos e procedimentos. Os princípios básicos (Resolução CNE/CEB nº 1/99 e Parecer CNE/CEB nº 22/98) são eles: princípios éticos, políticos e estéticos. Os princípios éticos que se referem à autonomia, à responsabilidade, à solidariedade e o respeito ao bem comum, ao ambiente e às culturas, passando pelo princípio político que está ligado aos direitos da cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática e por fim, não menos importante, os princípios estéticos que é a sensibilidade, criatividade, ludicidade e a liberdade de expressão. Cabe às instituições de ensino proporcionar e organizar seus espaços para que sejam atendidos e praticados todos os princípios, percebendo que um está ligado ao outro e precisam ser trabalhados juntos em favor do desenvolvimento das crianças. As crianças precisam ser apoiadas em suas experiências na Educação Infantil, proporcionando relações positivas com todos os envolvidos no processo, já que se trata de um direito.

As DCNEI (2013) dizem que a Educação Infantil tem como objetivo fundamental a promoção do desenvolvimento integral da criança desde a garantia de direitos que são de todos os seres humanos como, por exemplo, saúde, alimentação, higiene, perpassando pelos direitos das crianças à proteção, contra a violência, discriminação, contemplando direitos na participação da vida social e cultural.

1.1.1 Questões sobre a Base Nacional Comum Curricular

Outro documento que contempla a Educação Básica com proposta de direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento é a Base Nacional Comum Curricular, de caráter mandatório que auto se define como

(...) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Aplica-se à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e indica conhecimentos e competências que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), a BNCC soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BNCC, 2017 p. 7)

A Base Nacional Comum Curricular está em sua terceira versão, sendo que a primeira foi publicada entre 2015 e 2016, mas no ano de 2016 passou por debates, com a presença de instituições e especialistas importantes. Atualmente sofreu alterações com a apresentação de sua 3ª versão por meio de uma revisão da 2ª versão traz a ideia de seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que devem ser garantidos, são eles: Conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas. • Brincar de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), de forma a ampliar e diversificar suas possibilidades de acesso a produções culturais. A participação e as transformações introduzidas pelas crianças nas brincadeiras devem ser valorizadas, tendo em vista o estímulo ao desenvolvimento de seus conhecimentos, sua imaginação, criatividade, experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. • Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando. • Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia. • Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens. • Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (Retirado da 3ª versão BNCC, 2017, p. 34)

Quanto aos seis direitos, citados acima, a ideia inicial foi preservada, o que se alterou da segunda para terceira versão foram palavras, que alteraram a proposta central em relação aos campos de experiências. A Educação Infantil possui seus eixos estruturantes, interações e brincadeiras, e esses por sua vez são possíveis mediante a realização dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento.

A Base Nacional Comum Curricular (2017) está estruturada em cinco campos de experiências que provém dos seis direitos, estabelecendo os objetivos que é a organização curricular onde as situações e as experiências da vida cotidiana das crianças e os saberes são entrelaçados aos conhecimentos do patrimônio cultural. Os campos de experiências são: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Oralidade e escrita e Espaços, tempos, quantidade, relações e transformação. Cada campo de experiência tem sua especificidade, mas sempre ressalta a importância das interações seja com outra criança, com adulto, com objetos, ou seja, com o mundo ao seu redor.

Nos campos de experiências, na segunda versão ao invés de Oralidade e Escrita, tinha-se Escuta, Fala, Linguagem e Pensamento, com essa mudança o que se pode perceber é que se dá uma importância maior à escrita, o que pode trazer alguns danos aos direitos das crianças,

podendo não haver de fato espaço para que elas se expressem, ou seja, tornando a Educação Infantil um espaço de início de alfabetização ou mera preparação para o Ensino Fundamental.

Oralidade e escrita – A Educação Infantil é a etapa em que as crianças estão se apropriando da língua oral e, por meio de variadas situações nas quais podem falar e ouvir, vão ampliando e enriquecendo seus recursos de expressão e de compreensão, seu vocabulário, o que possibilita a internalização de estruturas linguísticas mais complexas. Ouvir a leitura de textos pelo professor é uma das possibilidades mais ricas de desenvolvimento da oralidade, pelo incentivo à escuta atenta, pela formulação de perguntas e respostas, de questionamentos, pelo convívio com novas palavras e novas estruturas sintáticas, além de se constituir em alternativa para introduzir a criança no universo da escrita. Desde cedo, a criança manifesta desejo de se apropriar da leitura e da escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, gêneros, suportes e portadores. Sobretudo a presença da literatura infantil na Educação Infantil introduz a criança na escrita: além do desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo, a leitura de histórias, contos, fábulas, poemas e cordéis, entre outros, realizada pelo professor, o mediador entre os textos e as crianças, propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em *escritas espontâneas*, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como representação da oralidade. (BNCC, 2017 p.37-38)

Logo em seguida temos a proposta da segunda versão da Base Nacional Comum Curricular, como uma forma de percebermos a diferença na proposta.

Campo de Experiência Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação: Desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com quem interagem, apropriando-se da primeira língua (língua materna/nativa/línguas de socialização). Associado ao olhar, à postura corporal e aos movimentos do bebê, o choro se constitui, pela interpretação do outro, em uma primeira linguagem oral, uma importante linguagem para a comunicação. Além do choro, para se comunicar com outras pessoas, os bebês empregam vários recursos vocais, gestos e olhares, ampliando seu repertório vocal, à medida em que o outro responde a ele. Assim, as palavras são apropriadas pela criança e se tornam seu veículo privilegiado de pensamento e comunicação. A gestualidade, o movimento realizado nas brincadeiras ou nos jogos corporais, a apropriação da linguagem oral ou em libras, a expressão gráfica, musical, plástica, dramática, escrita, entre outras, potencializam a organização do pensamento, tanto na capacidade criativa, expressiva e comunicativa, quanto na sua participação na cultura. Na Educação Infantil, são importantes as experiências da criança com a cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens, que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. A imersão na cultura escrita deve partir do que a criança conhece, das curiosidades que ela deixa transparecer, instigando-a a pensar, a formular hipóteses sobre a escrita, a dialogar com seus pares e com os adultos sobre essas curiosidades, a participar de situações de leitura e de escrita, aprendendo a ler o mundo das imagens, das letras, dos números, das palavras e dos textos. (BNCC, 2016, p. 73)

Outra mudança ocorrida entre a 2ª e a 3ª versão, são os grupos de faixas etárias que separam as crianças de 0 a 1 ano e 6 meses em um grupo, 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses e por fim, crianças de 4 anos a 5 anos e 11 meses. Os dois primeiros grupos correspondem às crianças da creche, e o último grupo a pré-escola. Esses grupos não podem ser seguidos rigorosamente, pois cada criança tem seu ritmo que devem ser percebido dentro das propostas

pedagógicas, outro fato para a ocorrência dessa alteração é fato de Educação Infantil abranger crianças de 0 a 5 anos.

1.1.2 A criança da Educação Infantil

Todos os direitos e as propostas para a educação na Educação Infantil compreendem dois processos que se integram que são os atos de educar e cuidar. Primeiramente, é preciso entender que esse cuidado não se restringe somente a cuidados pessoais, higiene, alimentação, mas está relacionado a criar um ambiente que instigue, acolha e ofereça as mais variadas experiências. Cuidar envolve muitos requisitos, desde a organização do espaço, horários e abrange até a garantia das manifestações das crianças, que precisam ser ouvidas. A possibilidade de atribuições de significados pela criança só é possível por meio da noção de mundo que a cerca, promovida pelas interações; as interações na vida da criança começam no contexto familiar e a escola tem um papel complementar ao da família, mediante isso lhe é proporcionada a educação.

A Constituição Federal em seu artigo 208 no inciso IV diz que a Educação Infantil é dever do Estado garantido em creches e pré-escola, às crianças até 5 anos de idade. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional reafirma a obrigatoriedade em seu artigo 4º inciso II na redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil traz quem são os sujeitos dessa etapa de ensino, sendo

A criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura. (BRASIL, 2013, p.86).

Essas formas de interagir, e se relacionar presentes no dia-a-dia das crianças tanto com o mundo físico, como com outros sujeitos é o que proporciona a ela sua aprendizagem e desenvolvimento, ou seja, como apropria e produz conhecimentos. As condições que são propostas para as crianças precisam fazer com que elas demonstrem e exerçam um papel ativo nos diversos ambientes. Identificando que cada criança demonstra um ritmo e uma forma única nas relações e interações e por meio dessas é capaz de modificar-se através das significações. Pensar no sujeito da Educação Infantil é apoiá-lo continuamente em suas experiências, principalmente dentro das instituições de ensino

CAPÍTULO 2 - A LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Esse capítulo, inicialmente, trata sobre o surgimento da literatura infantil em diferentes países com seus respectivos autores, mesmo que esse não seja o foco deste trabalho, porém considere pertinente trazer esse histórico como forma de situar o leitor em relação ao que é essa literatura e para quem esta se destina. Logo em seguida, o contexto da literatura na infância, vista como prática pedagógica na Educação Infantil.

2.1 Um pouco da história

Cademartori (1996) diz que a literatura com adjetivo presume sua linguagem, seu tema e ponto de vista que tem como objetivo seu destinatário. No caso da Literatura Infantil, como o próprio nome nos indica, essa se destina às crianças, uma vez que é escrita e direcionada à linguagem infantil, que pode ser lida por um adulto, ou pela própria criança quando alfabetizada.

Ainda no texto de Cademartori (1996) temos um pouco de como surgiram os primeiros livros, que foram destinados ao público infantil, com forte influência do francês Charles Perrault no século XVII com os chamados contos de fadas, com obras como Cinderela, Chapeuzinho Vermelho. Logo, no século XIX temos os irmãos Grimm na Alemanha, com os clássicos, um exemplo, João e Maria e assim surgiram outros autores de grande influência na literatura Infantil.

Por fim, como em outros países, no Brasil, contamos com Monteiro Lobato sendo autor de destaque que abrange ao tema da literatura Infantil.

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos sociais, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre espaço para a interlocução com o destinatário. (CADEMARTORI 1994, p. 51)

Atualmente, temos os mais diversos escritores que trabalham com os livros infantis, sendo grande a disposição, tanto com a presença de livros que tratam do aspecto visual, logo se tem apenas ilustrações, para crianças que ainda não sabem ler quanto livros com textos para àqueles que estão começando seu contato com o mundo literário e àqueles que já estão inseridos nesse mundo, no mundo letrado.

Diante desse histórico, pode-se deduzir que no decorrer dos anos, a literatura obteve prestígio e reconhecimento, e é vista como um recurso de importância na vida de todos os sujeitos.

2.2 O contato com a literatura

Kaercher (2001) diz que o ato de ouvir e contar histórias, é uma atividade que está presente desde cedo na vida das crianças, ou seja, desde o nascer, com participação em experiências concretas e também em experiências que conhecemos por meio do que os outros nos contam. Dessa forma, surge a necessidade de expor o que pensamos, sentimos, vivenciamos e assim sucessivamente.

As histórias além do prazer e divertimento que proporcionam, de acordo com Abramovich (2008) têm sua importância para a formação da criança, ouvir a muitas histórias, escutando-as é começo da aprendizagem para ser tornar um leitor, e o caminho de descobertas e forma de compreender o mundo.

O contato com a literatura proporciona a criança capacidade de pensar, perguntar, questionar, ouvir as opiniões dos outros, debater e até mesmo reformular sua forma de pensar, uma vez que quando se partilham histórias, é despertado nela os mais variados sentimentos e a partir disso a aprendizagem e o desenvolvimento. Nessa direção, temos os momentos de contação de histórias instrumento que oportunizará as crianças um melhor desenvolvimento, como meio de socializar, auxiliando na inserção delas no mundo.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH 2008, p.17)

Evidenciando que quanto mais cedo à criança tiver convívio com a literatura, com as atividades de contação de histórias despertará não só o prazer pela leitura como também adquirir uma postura crítico-reflexiva que reflete no seu desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social. A criança através das histórias é capaz de estabelecer a sua identidade, compreender as relações familiares e sociais e assumir diferentes papéis.

A educação busca fazer com que a criança descubra a realidade que a circunda, enxergando cada acontecimento e os outros sujeitos com que ela tem convivência, tendo consciência de si mesma e do meio e principalmente ensinando-a a se comunicar com os

outros, logo a literatura destaca-se como instrumento para proporcionar de forma ampla essa socialização e interação.

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. (VIGOTSKI, 1984 p. 33)

. Não basta contar uma história, essa precisa ser escolhida mediante os objetivos que se quer atingir em determinado momento e quem são as crianças que estarão no tocante com a mesma. Segundo Abramovich (2008, p.24) “uma das atividades mais fundantes, mais significativas, mais abrangentes e suscitadoras dentre tantas outras é a que decorre do ouvir uma boa história, quando bem contada.”

Trabalhar com a Literatura não se restringe à mera decodificação ou assimilação de palavras, frases e textos, mas a criação da construção de conhecimento que tenham significado para todos, ainda mais no contexto da Educação Infantil, onde o contato da criança, com a literatura acontece por meio do educador. O livro é um instrumento que auxilia para conectar e partilhar experiências de forma lúdica e dinâmica, de acordo com Kaercher (2001) a leitura é concebida em um processo amplo de construção de sentidos, que perpassa o domínio da palavra escrita e abrange as diversas linguagens, musical, corporal, imagética.

Além da aquisição e apropriação da oralidade e escrita, ler histórias para as crianças, segundo Abramovich (2008) é suscitar o imaginário, e ter respostas para suas curiosidades, é encontrar ideias para solucionar questões A experiência com a contação de histórias instiga e possibilita a imaginação.

(...) necessidade de ampliar a experiência da criança, caso se queira criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade de criação. Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência – sendo as demais circunstâncias as mesmas -, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação. (SMOLKA, 2009 p. 23)

Dessa maneira a criança é capaz de ir assimilando os comportamentos humanos, apropriando-se de uma reflexão e, assim formando um sistema de valores, e esse refletirá nos seus comportamentos individuais e sociais.

(...) os bens culturais que crianças têm o direito a ter acesso está a linguagem verbal, que inclui a linguagem oral e a escrita, instrumentos básicos de expressão de idéias, sentimentos e imaginação. A aquisição da linguagem oral depende das possibilidades das crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. (DCNEI, 2013, p. 94)

Logo, temos a literatura infantil como prática pedagógica que estimula a criança em todas suas potencialidades, que muitas vezes podem estar escondidas. Cada livro quer seja por meio de seu texto, ilustrações ou como é conduzido por quem o ler, é capaz de despertar interesses diferentes nas crianças.

Na experiência, a partir do momento que somos tocados por algo, logo aquilo faz ou não sentido, tornando o saber da experiência em um saber subjetivo e particular. Por exemplo, duas pessoas vivem o mesmo acontecimento, o mesmo momento, mas não fazem a mesma experiência. O saber da experiência está ligado à existência, que nos permite apropriarmos de nós mesmos, conforme Kaercher (2001) diz que a participação da criança nesses momentos de leitura permite a ela construir o seu próprio modelo, percebendo que cada um tem seu jeito, um modo que mais agrada.

(...) a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humano. Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal. (SMOLKA, 2009, p. 25)

Entender que a literatura por si, já contribui em nossas vidas, como afirma Kaercher (2001) a literatura é arte, que se vale de palavras como meio de expressão que de alguma forma, dá sentido à nossa existência, nos ajuda a compreender o seu valor dentro do processo educativo. Os momentos de leitura podem ser desenvolvidos como a arte de escutar uma história, ou um momento que busca estimular a imaginação, logo vai depender dos objetivos que se tem com o uso da literatura.

2.3 A Literatura na Educação Infantil

A 3ª versão da Base Nacional Comum Curricular traz uma visão diferente quanto à utilização da Literatura no contexto da Educação Infantil, relacionada à ideia de campos de experiências. Na segunda versão da BNCC o enfoque estava na oralidade, oportunizando o pensamento e a comunicação.

Na Educação Infantil, são importantes as experiências da criança com a cultura oral, pois e na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens, que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR 2016 p.73 – 2ª versão)

Neste trecho entende-se que a entrada da criança na cultura escrita, é uma consequência de suas experiências na cultura oral, através do que é despertado na mesma,

onde lhe são garantidos momentos participativos e prazerosos, que dialoga com as palavras de Abramovich.

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e então, pode ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... (ABRAMOVICH, 2008, p.17)

Trata-se de um processo espontâneo, a criança aprende a ler o mundo por meio da escuta, das ilustrações, percebe as palavras, começando a se introduzir no mundo letrado sem que lhe seja imposto, contribuindo na constituição de crianças que gostem dos momentos de leitura e vejam no livro um aliado ao longo de sua formação.

Com a terceira versão da BNCC, a figura da Literatura Infantil transfigurou-se, atribuindo-lhe um enfoque maior no diálogo com a cultura escrita, invertendo-se a ordem que era proposta anteriormente.

Sobretudo a presença da literatura infantil na Educação Infantil introduz a criança na escrita: além do desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo (...) (BNCC 2017 p.38)

Pouco se fala em oralidade, o que causa certa preocupação quanto à utilização desse instrumento, que é a literatura, no cotidiano da vida escolar. Não se pode “cair” na armadilha de iniciarmos o processo de formação de meros leitores, que lêem por obrigação e não são capazes de serem tocados e compreenderem a sua própria leitura. Outro aspecto que pode vir a ser deixado de lado com essa nova proposta da Base Nacional Comum Curricular, se trata da importância dada às interações dentro do processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, com o auxílio das histórias.

A leitura engloba muito mais que um domínio da palavra escrita, não tirando a sua importância, pois é preciso que a criança da pré-escola esteja inserida em um espaço que a desafie, em relação ao ponto de vista lingüístico, com a presença de livros, revistas, embalagens, ou seja, evidências da linguagem escrita, para que de fato, seja despertado nela a vontade pela mesma. Vale lembrar que a leitura trata também de um processo extenso de construção de sentido, que compreende as diversas linguagens, musical, corporal, teatral, artística, dentre outros que fazendo parte do contexto da Educação Infantil.

O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto! (ABRAMOVICH, 2008, p.23)

A criança nas situações de leitura vai construindo seu próprio modo de percepção, vivendo aquele momento e compreendendo seu lugar e diferença em relação aos outros. É preciso ter na literatura um suporte no desenvolvimento de atividades que atendam as

necessidades e interesses das crianças, pois antes mesmo de ler e escrever, como diz Cademartori (1994) “a criança vê o mundo e ouve a língua”.

A participação da criança em momentos de leitura é importante para que ela seja inserida na cultura escrita, uma vez que Vigotski nos diz que

(...) a linguagem escrita é constituída por um sistema de signos que designam os sons e as palavras da linguagem falada, os quais, por sua vez são signos das relações e entidades reais.(VIGOTSKI, 1984 p. 120)

É importante na Educação Infantil a valorização da literatura, do quanto ouvir e contar histórias é necessário, sendo um ambiente que possibilita a partilha de experiências e a apropriação da linguagem escrita de forma contextualizada, ou seja, não é algo imposto e mecânico, como ocorre muitas vezes com as atividades “xerocadas”, ou atividades de preenchimento de letras com “bolinhas de papel crepom”, “feijão”, etc.; como nos deparamos ao longo do processo.

Parece claro que o domínio de um tal sistema complexo de signos não pode ser alcançado de maneira puramente mecânica e externa; ao invés disso, esse domínio é o culminar, na criança, de um longo processo de desenvolvimento de funções comportamentais complexas. (VIGOTSKI, 1984 p. 120)

É preciso reconhecer a essência de cada situação, a mudança na Base Nacional Comum Curricular não pode fazer com que se despreze o valor que as histórias possuem para o processo de ensino-aprendizagem, transformando-se em momentos sem significados e de mera reprodução de “coisas prontas”. Uma vez que as histórias, como já ditas, possibilitam a inserção das crianças na linguagem escrita, uma vez que há contato com a mesma.

A literatura dentro da Educação Infantil é possível de ser percebida como um instrumento que garanta os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, que são postos na Base Nacional Comum Curricular são eles: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se, ou seja, de uma simples atividade de “Contação de histórias” a possibilidade do crescimento da atividade.

CAPÍTULO 3 – O EDUCADOR E A LITERATURA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

3.1 Afinal, o que é ser educador?

Primeiramente, é preciso entender o porquê do termo “educador” nesse capítulo.

Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança. (ALVES, 1980, p. 11)

Há diferença entre educador e professor, porque o primeiro não visa apenas informar, mas contribuir com seus educandos para a cidadania, fazendo-os sujeitos reflexivos do processo, enxergando-os em suas singularidades, como seres únicos que são, detentores de histórias. O professor por sua vez é alguém substituível, porque o seu dever se resume em “transmitir” conteúdos e nada mais que isso, contemplando conceitos que muitas vezes não são conhecidos e vivenciados por seus alunos, baseado no interesse do sistema, visto como mero reprodutor de “coisas” prontas.

Os educadores visam à construção individual e coletiva dos conhecimentos, não baseando suas ações em transmissão de conteúdos, onde as práticas se tornam “engessadas” porque há a necessidade de se cumprir um currículo que está em primeiro lugar, mas onde o educando é posto em primeiro plano e o cumprimento das propostas é uma consequência.

Pode ser que educadores sejam confundidos com professores, da mesma forma como se pode dizer: jequitibá e eucalipto, não é tudo árvore, madeira? No final, não dá tudo no mesmo? (ALVES, 1980, p.12)

O educador se constitui como tal, porque permite uma ligação com seu educando de forma natural que vai além de conteúdos, que envolve o sujeito em suas individualidades, onde é possível expor seus sentimentos, esperanças, medos. O educador está dentro do professor, que não é guiado pelo movimento da instituição, não significa dizer que este não cumpra seus deveres, mas que acima de tudo busca envolver os dois mundos no processo.

A forma como o professor organiza contextos, como percebe a si mesmo em sua ação, como interpreta situações e conceitos em relação a sua atuação profissional agem em dupla direção: se orientam em relação ao Outro, mas também transformam quem as agencia. (MADEIRA-COELHO, 2012, p. 3)

A educação envolve os sujeitos em todos os seus aspectos físicos, cognitivos, emocionais, pessoais e morais, não há como isolar cada aspecto, o educador precisa ter essa

consciência, se colocando como um colaborador na aprendizagem de seus educandos, ou seja, enxergar as dificuldades e potencialidades trabalhando-as e valorizando-as, sabendo que todos, inclusive ele mesmo, estão em um processo constante de aprendizagem e desenvolvimento que são possíveis por meio das trocas com os outros sujeitos, com diálogos que são, sem dúvida, a base na relação de aprendizagem. Segundo Tacca (2006, p. 50) “O diálogo é o cerne da relação na aprendizagem, em que as partes envolvidas fazem trocas e negociam os diferentes significados do objeto de conhecimento (...)”. O educador traz consigo estratégias dentro de uma relação de confiança, que possibilitam as relações entre as pessoas e essas com o conhecimento.

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1996 p. 12)

O ato de ensinar não existe sem o aprender, e essa ideia nos leva a pensar em seres humanos inacabados que vivem em uma “via de mão dupla” ensina-aprende, aprende-ensina. Segundo Madeira-Coelho (2012, p. 6-7) “manter o olhar inquieto de quem constantemente aprende na ação de ensinar, permite, assim, a transformação dos sujeitos e conseqüentemente das realidades em que estão envolvidos.”

Quanto ser educador, “devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo.” (FREIRE, 1996 p.34-35). O que exige uma reflexão crítica contínua sobre as práticas em relação aos educandos, uma vez que o educador é aquele que contribui na vida do educando a atribuir significados e sentido a suas ações, através de conexões com as aprendizagens do passado.

3.2 Literatura como prática pedagógica

Tacca (2006) diz que o professor ao planejar ou pensar na situação de ensino-aprendizagem, nos ensina a didática, que ele relaciona aos objetivos de ensino, conteúdos e estratégias pedagógicas. No caso da literatura infantil, essa estratégia ou prática pedagógica está desde a escolha do livro, quais são os critérios para selecioná-lo, perpassando pela intencionalidade de cada leitura, visto como um momento de descontração de leitura e escuta da mesma, ou quando se visa ao crescimento da atividade, quer seja com um desenho, um teatro e assim sucessivamente.

Os momentos de leitura não podem ser vistos como apenas um preenchimento de tempo, ou seja, um momento descontextualizado da rotina escolar. Entende-se que toda e qualquer atividade, necessita que o educador em seu planejamento enxergue os alunos e os objetivos a serem alcançados. As relações no processo de ensino-aprendizagem estão baseadas em relações entre pessoas, alicerçadas no diálogo.

Nesta perspectiva, estamos dando um entendimento às estratégias pedagógicas da aprendizagem àqueles procedimentos que implicam uma relação pedagógica cujo objetivo não é manter o aluno ativo apenas, mas captar sua motivação, suas emoções, para, a partir daí, colocar o seu pensamento na conjunção de novas aprendizagens. (TACCA, 2006, p. 49)

É incontestável o papel do educador na oportunidade dessa organização de novos sentidos em relação à aprendizagem das crianças. Para o contexto da literatura infantil, os temas da aprendizagem e desenvolvimento, não estão ligados somente a um preenchimento de tempo, mas precisam ser pensados como instrumento de interação e compreensão do mundo ao seu redor. Dessa forma, por meio da “contação” de histórias, o educador precisa buscar incentivar a reflexão, trazer algumas “situações-problema” que favoreçam o pensamento e despertem a curiosidade, descobertas e conseqüentemente a aprendizagem.

Porém, se ignorarmos as necessidades da criança e os incentivos que são eficazes para colocá-la em ação, nunca seremos capazes de entender seu avanço de um estágio do desenvolvimento para outro, porque todo avanço está conectado com uma mudança acentuada de motivações, tendências e incentivos. (VIGOTSKI, 1984 p. 105)

Os livros utilizados necessitam de uma adequação quanto à faixa etária do educando. Na Educação Infantil, o que muitas vezes se trabalha são conceitos que abrangem o título, autor, ilustrador do livro, sendo algo primordial para que a criança possa reconhecer a “estrutura” básica de um livro. A criança mesmo não estando alfabetizada, consegue compreender a história que está apoiada na escuta da mesma e muitas vezes nas imagens ilustradas, sendo capaz de trazer o contexto do livro para sua vida “real”, nessa linha de pensamento entra o educador que buscar trazer essa compreensão ao educando, de acordo com Souza e Serafim (2012) a compreensão de um texto não acontece apenas no momento que a criança “aprende a ler e escrever”. O ato de ler é uma consequência de um conjunto de habilidades, conhecimentos e comportamentos, logo a criança da Educação Infantil produz sentido, mesmo que ainda não esteja alfabetizada por meio do compartilhamento de suas experiências de outras formas, mediante a fala, o desenho, o teatro e assim sucessivamente.

González Rey (2006) traz a ideia de que o sujeito só vai se desenvolver em sua produção singular ante a possibilidade de alimentar com sua experiência o que aprende e seu mundo com aquilo que aprende. Dessa forma, o educador faz reflexões e percebe que

aliteratura como prática pedagógica, possibilita que a criança relacione os diferentes contextos de suas relações cotidianas com a história, ou seja, ela traz suas experiências para a aprendizagem e a partir disto, alimenta seu mundo com o aprendido.

A prática docente necessita estimular a criança em suas reflexões, e mediante isso, que ela questione, explore, exponha e dialogue suas ideias e pensamentos, ou seja, desenvolva a criticidade, mas para que se tenha esse educando ativo, de acordo com Tacca (2006) a estratégia será o tanto melhor quando trouxer consigo novidade, que mantenha e desperte, no aluno, a vontade de aprender. Pensando em relação à contação de história como prática pedagógica

O critério de seleção é do narrador... e o que pode suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças, momento que estão vivendo, os referenciais do que necessitam e do quanto saiba aproveitar o texto (enquanto texto ou pretexto...) (ABRAMOVICH, 2008, p.20)

Daí a importância de que haja relação entre educador-educando, educando-educando, educador-objeto, educando-objeto, a partir disso é possível proporcionar a aprendizagem e o desenvolvimento, baseada na construção de conhecimentos, por meio das situações vividas e compartilhadas.

Assim sendo, não é possível pensar o processo de aprendizagem fora de uma relação entre pessoas, cujo eixo não seja o processo dialógico. Entende-se que a participação ativa em sala de aula não está na sequência das ações empreendidas, mas na possibilidade de as pessoas que compartilham esse espaço expressarem seus pensamentos e ouvirem a comunicação do outro, tendo em vista uma construção conjunta de conhecimento. (TACCA, 2006, p.49)

Dessa maneira, o trabalho com a literatura precisa ser repensado, uma vez que possibilita significativamente o desenvolvimento da criança, se for percebida pelos educadores como um instrumento que ganha valor como prática pedagógica e que garante o colocar-se da criança no mundo. Os momentos de contação de histórias são necessários na rotina das crianças, mas não pode ser vista como algo obrigatório, esses momentos são para acolher os educandos e oportunizar a interação desses, com a história e seu assunto e entre as pessoas.

CONSTRUÇÃO DO OBJETO

Este capítulo indica a pergunta que levou a escolha do tema do presente estudo de caso. Apresentando também as questões e os objetivos a fim de responder a pergunta.

4.1 Questões e Objetivos da Pesquisa

O tema do trabalho de conclusão de curso é a literatura como prática pedagógica na Educação Infantil.

Mediante, todo o contexto observado, foi definida a seguinte pergunta da pesquisa:

- Como a literatura como prática pedagógica é importante para o desenvolvimento das crianças?

A partir dessa pergunta, identificou-se o seguinte objetivo (Objetivo Geral)

- Compreender como a literatura ganha valor como prática pedagógica na Educação Infantil.

Nesse sentido, o trabalho busca verificar e considerar as práticas pedagógicas que se desenvolveram durante o estágio docente supervisionado, considerando e utilizando a Literatura no contexto da Educação Infantil como ação dessa prática nas relações estabelecidas, que se refletem na aprendizagem e desenvolvimento das crianças, observando as situações do cotidiano.

Nesse sentido, foram estipulados objetivos específicos:

- Identificar práticas pedagógicas norteadas pela literatura em uma instituição pública de Educação Infantil do Distrito Federal.
- Refletir sobre o papel do educador no desenvolvimento das práticas pedagógicas.
- Verificar como a literatura pode auxiliar nas relações que se estabelecem, como por exemplo, na participação, interação e diálogo.
- Verificar como a Literatura como proposta pedagógica contempla o que é previsto nos documentos legais que tratam da Educação Infantil

Em vista disso, esse trabalho teve a finalidade de observar, perceber e refletir sobre a aplicação da literatura, no contexto da Educação Infantil, como prática pedagógica que ganha

valor, possibilita as relações, valendo-se da utilização dessa prática e a contribuição para a aprendizagem e desenvolvimento integral das crianças

METODOLOGIA

A finalidade deste trabalho fundamenta-se em compreender como a literatura ganha valor como prática pedagógica que auxilia nas relações que se estabelecem na Educação Infantil, consideramos que a metodologia seria baseada em uma abordagem qualitativa, fundamentada em observações no estudo de caso e práticas docentes durante o período do estágio supervisionado.

5.1 Pesquisa Qualitativa

Segundo Bogdan e Biklen (1982 apud LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.11-13) abordam que o conceito de pesquisa qualitativa apresenta as características que traduzem o tipo de estudo:

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador com seu principal instrumento. [...] Os dados coletados são predominantemente descritivos. [...] A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. [...] O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.

A pesquisa qualitativa é cada vez mais utilizada na área de educação, e segundo Ludke e André (1986) “entre as várias formas que pode assumir uma pesquisa qualitativa, destacam-se a pesquisa do tipo etnográfica e o estudo de caso.” (p.13)

O estudo de caso pode ser simples e específico ou complexo e abstrato. Sendo o mesmo semelhante a outro estudo de caso já realizado, porém se torna diferente uma vez que há nele um interesse singular e característico. Segundo Goode e Hatt (1968 apud LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 17) dizem que

O caso se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo. O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham ficar semelhantes com outros casos ou situações.

Para Ludke e André (1986), o estudo de caso qualitativo é aquele que se realiza em uma situação natural, que é rico em dados descritivos, com plano flexível e evidencia a realidade de maneira contextualizada. Sendo que ele propõe-se à descoberta, levando em consideração o contexto em que se realiza.

Os relatos empregam uma linguagem e uma maneira mais alcançável que os relatórios de pesquisa. Para Ludke e André (1986) os relatos escritos apresentam um estilo informal,

exemplos, descrição, citações uma vez que a preocupação é de transmitir as informações de forma direta e clara do caso, que seja próximo à experiência.

5.2 Caracterização da Escola

O trabalho foi desenvolvido em uma escola pública do Distrito Federal no Jardim de Infância Casa de Vivência, localizado na Avenida NS 01 Área Especial 09 – SRL em Planaltina. A escola abrange o atendimento à Educação Infantil, sendo tratado como 1º e 2º período com crianças na faixa etária de 4 e 5 anos, como é definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de Educação (LBDEN 1996).

O Jardim de Infância Casa de Vivência foi criado a pedido da população para que na época atendesse as crianças de 6 anos de idade. Através da Administradora da cidade de Planaltina, que cedeu a residência oficial do Administrador, a escola pôde ser instalada em dezembro de 1990, a placa de inauguração foi destampada e logo, no ano seguinte a escola começou a funcionar. Em 1999, passou a atender em dois turnos, que compreende a 400 alunos.

A escola é em área adaptada, com dois parques de areia, pátio, quadra, salas de aula, sala de direção, coordenação, secretaria, banheiros que atendem as necessidades dos alunos, um espaço que possui alguns animais (fazendinha), sala dos professores, sala de materiais de limpeza, refeitório, piscina, horta, “casinha de boneca” e um estacionamento para os funcionários. As aulas se desenvolvem em forma de rodízio (parte do horário de aula em sala, parte fora de sala), devido a escola ser em um antigo espaço residencial, sua estrutura, em relação aos tamanhos das salas de aula, é pequena, tornando-se pouco arejada. O rodízio acontece para que os outros espaços externos à sala de aula sejam explorados pelas crianças, e por essa área externa ser tão privilegiada, em questão de espaço e luz.

Cada local da escola ou momento se refere a um projeto, por exemplo, na entrada, chegada das crianças à escola, tem-se o “Chega mais” em que é trabalhada a recepção das crianças com músicas, histórias, dramatizações que é o primeiro momento da rotina; No pátio tem-se a “Hora Alegre” que trabalha a expressividade oral e corporal das crianças em apresentações musicais, danças, dramatizações de histórias etc. A escola tem sua rotina bem fixa, com os dias certos para cada turma desenvolver suas atividades, por exemplo, dia de piscina, dia de parque, dia de laboratório, e também uma rotina em relação aos

acontecimentos do dia, que se trata da chegada com todos os alunos, o horário de realizar as atividades dentro de sala, o momento do lanche.

O Jardim de Infância Casa de Vivência tem um corpo de funcionários bem integrados, formado por: Diretora, Vice-Diretora, Supervisora Pedagógica, Coordenadora Pedagógica, Orientadora Educacional, Secretários, Professoras para os dois turnos, Funcionários da Limpeza, Portaria e Refeitório.

O funcionamento ocorre nos dois turnos manhã e tarde, sendo que a coordenação das professoras acontece no horário inverso. O estágio supervisionado foi realizado no período vespertino, onde funcionavam 7 turmas, sendo quatro do 1º período e três do 2º período. São três dias de coordenação sendo que uma delas acontece coletivamente, com a presença da coordenadora pedagógica. Na coordenação coletiva, diante do que observei em minhas participações, é posto o que será trabalhado nas próximas semanas e há uma troca de experiências entre o corpo docente, existe liberdade de abordar os pontos positivos e negativos de cada proposta e direcionar o trabalho.

A escola se esforça em promover uma educação de qualidade, devido esse comprometimento é tão reconhecida por todos da cidade e se tornou referência de educação em Planaltina. Quando se fala em educação de qualidade, significa dizer que a escola realiza seu trabalho baseada no respeito aos direitos das crianças, enxergando seu papel na vida de cada uma delas, o fato de o Jardim de Infância Casa de Vivência zelar pela qualidade no ensino, gerou de fato esse reconhecimento por parte das pessoas. De acordo com o Projeto Político Pedagógico o objetivo geral da escola é o desenvolvimento da criança em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, que complementa a ação da família e comunidade.

Trata-se de uma escola com educação inclusiva, com atividades que trabalham a imagem de si e imagem do outro, com muitas brincadeiras coletivas, cantigas de roda e das interações lúdicas, onde a criança aprende a respeitar as diferenças. O trabalho é feito de forma transversal e interdisciplinar, partindo da realidade concreta da criança, questões como valores, atitudes, ética são abordados com naturalidade.

5.3 Caracterização da Turma e Sala

A turma atende alunos do 2º período vespertino com 22 alunos sendo treze meninos e nove meninas. Na sala além da professora que fez o Magistério e cursou Pedagogia tendo 4

anos de profissão no Estado de Goiás e 18 anos na Secretária de Educação do Distrito Federal, existe um educador social direcionado para trabalhar com um aluno específico. Há nessa turma a presença de dois educandos com deficiência, cada um dentro de sua especificidade, Pedro¹ diagnosticado com Deficiência Intelectual e Jorge² diagnosticado com Baixa Visão devido problemas em seu nascimento.

Em geral, a turma sempre foi ativa na realização das atividades propostas, mas no início do estágio, data pouco relacionamento entre os mesmos, com a presença de alguns grupinhos isolados e o educando Pedro, quase não interagia com a turma e a professora. A partir disso o trabalho foi pensado, a literatura como prática pedagógica que pode auxiliar nas relações.

A sala é espaçosa, com dois armários que possuem diversos materiais que são usados com as crianças, cadeiras e mesas organizadas em quartetos, que correspondem ao tamanho das crianças, uma mesa e uma cadeira para a professora, um quadro de pincel, duas janelas que ajudam na luminosidade e na ventilação, além disto, possui um ventilador. Acima do quadro possui as letras do alfabeto ilustrado com os respectivos desenhos que começam com tal letra, por exemplo, a letra “A” e o desenho do “avião” e assim sucessivamente com cada letra, do lado esquerdo temos uma lista em ordem alfabética com todos os nomes das crianças e logo ao lado temos o calendário móvel, onde temos todos os dias da semana com desenhos das atividades correspondentes ao mesmo, por exemplo, quarta-feira tem o desenho da piscina, quinta-feira o desenho do parquinho e assim sucessivamente. Quanto à data, cada dia uma criança é chamada para colocá-la. Do lado direito do quadro, temos os numerais de 1 a 30 e um suporte que é usado para colocar as fichas com os nomes dos alunos. Todos esses cantos na sala são usados, a lista com os nomes, por exemplo, auxilia na escolha e visualização do nome do “Ajudante do Dia”, os numerais ajudam na contagem do “Quantos somos hoje”, em outra atividade que envolva número, sem contar que se os alunos apresentarem alguma dúvida possa usá-los como fonte de pesquisa.

5.4 Relato de Experiência

A escola escolhida para a realização do trabalho, se desenvolveu a partir das experiências docentes no Projeto 4 fases 1 e 2, que constituem dois semestres do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, referentes ao estágio obrigatório supervisionado com

¹ Nome fictício dado a criança.

² Nome fictício dado a criança.

alunos do ensino regular, realizado nos 5º e 6º semestres. A escola possibilitou a realização do trabalho, contribuindo de forma significativa com minha formação docente.

A abordagem qualitativa foi a escolhida com relatórios relacionados a relatos de experiências do estágio que inclui observações em sala de aula e em coordenações pedagógicas, planejamentos e práticas docentes realizadas durante o tempo de estágio. A prática ocorreu, nos 1º e 2º semestres do ano de 2016, com idas duas vezes na semana sendo 4 horas e 30 minutos por encontro. Durante as idas à escola, realizava anotações de momentos e situações que considerava pertinentes, como forma de diário pessoal, e também realizei trabalhos dentro do Projeto 4, que foram utilizados como base na realização deste trabalho.

As práticas pedagógicas com as crianças e as mediações realizadas que requeriam tempo de minha parte, relacionamento com as mesmas e a atenção a cada situação apresentada, mediante as anotações. O objetivo foi compreender como a literatura ganha valor como prática pedagógica na turma de Educação Infantil, especificamente, na turma onde realizei o estágio.

Durante todo o período que estive estagiando no Jardim de Infância Casa de Vivência na turma do 2º período da Educação Infantil, procurei em meus planejamentos, utilizar como instrumento principal e como base para desenvolver outras atividades a literatura, levando sempre em consideração a realidade das crianças. Uma vez que a escola já é toda voltada em projetos que envolvem a literatura, o que facilitou as observações e as práticas docentes realizadas, o principal dos projetos é o “Senta que lá vem histórias”, de maneira que no Projeto Político Pedagógico tem-se que se trata da “experimentação” das histórias como forma de prazer, diversão e descobertas, sendo que a cada mês as crianças possam ser envolvidas em novos conhecimentos e tecendo caminhos com experiências e vivências significativas.

6. DISCUSSÃO

Este capítulo destina-se aos relatos de experiências referentes à literatura como prática pedagógica e como o papel do educador é importante para o processo que busca promover uma maior participação e relação entre os envolvidos, que fizeram parte do estágio supervisionado.

Durante todo o período que estive estagiando no Jardim de Infância Casa de Vivência na turma do 2º período da Educação Infantil, procurei em meu planejamento utilizar como instrumento principal e como base para desenvolver outras atividades a literatura, levando sempre em consideração a realidade dos educando. A escola já é toda voltada em projetos que envolvem a literatura, o que facilitou as observações e as práticas docentes realizadas.

O intuito maior em todos os planejamentos pensados por mim era dar voz à crianças, que elas se envolvessem com as atividades propostas de forma ativa e participativa, onde houvesse de fato uma interação e relação entre todos. Uma vez que ao iniciar o estágio notei que a turma em geral era ativa nas atividades desenvolvidas, mas existiam algumas crianças que não se entrosavam, como, por exemplo, no caso de Pedro, e muitas vezes essas crianças passavam despercebidas. Inicialmente demonstrei interesse em desenvolver um trabalho com os educandos com deficiência, porém como esses já estavam recebendo atendimento especializado, procurei focar na turma como um todo, de forma mais ampla, até mesmo pelo fato de haverem outras crianças que precisavam se relacionar, dialogar a respeito dos assuntos das histórias, ou seja, possibilitar as trocas entre todos os envolvidos no processo educativo.

Diante desse fato destacado, encontrei na literatura, na “contação de histórias”, uma prática que possibilitaria as relações das crianças entre si e com os adultos. Compreendo a importância de todos os períodos educacionais na vida do sujeito, mas a Educação Infantil é aquela que “abre os caminhos” para a vida educacional.

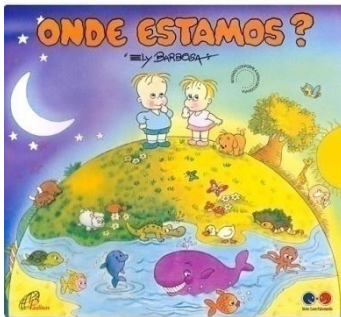
No planejamento das práticas e atividades para atingir o objetivo, utilizei histórias que estavam no cronograma da escola em seu projeto “Senta que lá vem história”, por exemplo, “Onde Estamos - Ely Barbosa”, “Casa Sonolenta - Audrey Wood”, “Eleições no Jardim - Nice Cardoso”, “Quem tem medo de monstro? - Ruth Rocha.”

Cada história possuía um planejamento diferente, para não cair na rotina e se tornar algo “cansativo” e sem sentido. Algumas vezes era proposto o reconto da história onde cada

aluno se tornava personagem da história, outras vezes o desenho, como forma de contribuir no desenvolvimento da oralidade, expressão corporal, o conto com o outro, a criatividade.

Diante disso, faço referência ao objetivo desse trabalho que é compreender como a literatura ganha valor como prática pedagógica, para que as crianças vivenciem atividades lúdicas que possibilitem a expressão da criança, um melhor relacionamento entre os mesmos, enxergar o outro no processo para que de fato haja aprendizagem e desenvolvimento, que acredito ser possível através da presença do outro.

6.1 “Onde estamos?”



A história “Onde Estamos” foi proposta para que as crianças se situassem em relação a sua localização, já que a mesma traz essa ideia. A história seria reproduzida através do retroprojetor, como uma proposta de cinema mudo para as crianças no pátio da escola, com a participação das outras turmas do 2º período, justamente para que as crianças se entrosassem com os outros colegas da escola.

Antes de ir ao momento do “cinema”, em sala perguntamos quais alunos já haviam ido ao cinema, para introduzir a proposta da atividade. Algumas crianças relatavam que já tinham ido, quais filmes haviam assistido e quem as tinha levado. Indagamos se precisava de algo para a entrada ao cinema, e uma das crianças se referiu aos ingressos. A partir disso a proposta era confeccionar os ingressos para a entrada no “cinema”, todos se envolveram na atividade e cada um confeccionou, ao seu modo, o ingresso.

Chamar a atenção da criança para as diferenças que a mesma história pode apresentar quando mudamos a forma como vamos contá-la – um filme, um livro, um programa na televisão – é trabalhar no sentido de ampliar os seus horizontes lingüísticos e de estimulá-la a ler as diversas linguagens com curiosidade e atenção. (KAERCHER, 2001, p.86)

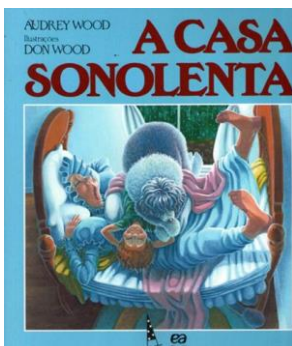
No momento do cinema, as crianças observavam atentamente cada “cena” correspondente a uma página do livro, ao final a coordenadora que estava participando da atividade fez algumas considerações para que todos pudessem entender o contexto do livro, foi uma experiência nova em relação ao momento da história, o livro apresentado em meio à tecnologia, ou seja, outra forma de linguagem. Em sala novamente, utilizando o Globo Terrestre mostramos onde estava o Brasil e seguimos a mesma linha de raciocínio do livro,

que dentro do Brasil, estavam às cidades, nas cidades se encontravam as casas e a nossa escola, na escola tínhamos nossa sala, a sala dos professores e assim sucessivamente, justamente para que em outro momento fosse proposta outra atividade, onde as crianças se apropriassem do ambiente escolar, conhecendo e explorando cada espaço.

A outra atividade, baseada no livro, se tratava de uma trilha pela escola, para fazer conhecido os lugares e as pessoas que trabalham naquele respectivo espaço, no momento da trilha era o momento que se realizava também o contato com o outro colega, diante das situações imaginárias, por exemplo, para chegar ao estacionamento da escola era preciso desenrolar uma corda que não existia fisicamente, logo a imaginação era necessária, no ambiente da quadra, era preciso muita coordenação motora, logo em seguida, após “vencer os obstáculos da trilha” foi feito um grande círculo para brincar em grupo.

A história possibilitou atividades contextualizadas e que fazem parte da realidade das crianças, contribuindo de forma significativa no desenvolvimento integral das mesmas, desenvolvendo atitudes de cooperação, solidariedade, contato e interação entre os educandos e com os profissionais da escola. Sempre buscando valorizar o papel do outro, a amizade, o respeito para que as crianças não fossem individualistas, mas se sentissem à vontade em compartilhar e vivenciar momentos com as outras, ou seja, as atividades compreenderam os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento postos na Base Nacional Comum Curricular que são: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se.

6.2 “Casa sonolenta”



No cronograma da escola, dentro do projeto “Senta que Lá Vem Histórias”, existem as histórias que são fixas para cada mês, contadas coletivamente para todas as crianças da escola logo que elas chegam, onde há um trabalho que a Supervisora, Coordenadora Pedagógica e Professoras transformam-se em personagens da história.

Mediante essa ideia decidimos dentro de sala, transformar as crianças em personagens, separando-os em grupo para recontar a história da “Casa Sonolenta”, as crianças podiam escolher qual personagem queriam ser, até mesmo eu participei da história, transformando-me em “Vovó”. Algo muito interessante é poder caracterizar as crianças de acordo com o personagem, justamente porque eles se colocam no papel, por exemplo, na

história a vovó ronca, as crianças direcionadas ao papel mesmo com timidez reproduziam tal barulho e os trejeitos do que eles entendem por “vó”. Essa forma de recontar a história constantemente é bem aceita pelos alunos do Jardim de Infância, mostrando sempre entusiasmo e um momento de descontração. No início, como em todo o contexto educacional, alguns alunos que não se sentiam a vontade em participar da história, por timidez ou pelo fato de não ser o personagem desejado, e foi algo que nos fez refletir sobre a proposta pedagógica e como poderíamos trabalhar para que não houvesse mais “problemas” em relação à escolha dos personagens, justamente para que todos pudessem participar. Madeira-Coelho (2012) diz que a atuação do professor age em mão dupla se orientando em relação ao outro, mas também transformando quem a agencia. A cada nova história trabalhada se tratava de uma oportunidade de pensar e repensar a prática pedagógica.

Outro ponto importante com a utilização dessa história foi trabalhar o contato físico, pois a turma se mostrava muito retraída em tocar, abraçar, ou seja, qualquer forma de contato físico. A história traz uma sucessão de momentos, com cada personagem que dorme um em cima do outro, por exemplo, o cachorro que dorme em cima do menino, o menino que está em cima da vó e assim sucessivamente. Na hora do reconto, foi preciso trabalhar isso sendo uma proposta bem sucedida, porque as crianças perderam o receio em manter o contato físico com os outros, de acordo com Vigotski (1984) quando diz que todo avanço em relação ao desenvolvimento da criança está conectado com uma mudança acentuada de motivações e incentivos.

Ao final do momento de reconto da história, que foi realizado ao ar livre, voltamos à sala de aula. Na sala decidimos que faríamos um desenho da parte que as crianças tinham gostado mais, considero o desenho muito importante nessa fase, pois compreendo como a forma que a criança tem de mostrar o que entendeu da história. Depois propusemos um jogo da memória com os personagens da história, perguntei se eles sabiam o que era um jogo da memória, se já tinham brincado alguma vez e assim por diante. Expliquei cada passo, e separei a turma em três grupos, onde cada criança pudesse ter ao menos um par. De modo geral as crianças gostaram da brincadeira e pediam para brincar de novo. Na divisão dos grupos tentamos “mesclar” ao máximo as crianças, para que aquelas crianças que não tinham tanto “contato” pudessem ter, interagindo juntos.

Abramovich (2008, p. 23) diz que “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar (...)”. Mais uma vez é

evidente que as atividades possuíam sempre um contexto, baseadas na história contada. Algumas vezes durante a realização de trabalhos dentro do curso de Pedagogia, percebia que as histórias eram vistas como um passar de tempo, quando não se tinha nada para fazer, ou quando terminava alguma atividade e restava um tempo, ocupava-se de um livro, uma história para preencher aquele “vazio” e ficava por isso mesmo, ou seja, não era realizado nenhum trabalho com a mesma. E quando se trata da Educação Infantil é mais nítido ainda essa prática, por isso o foco aqui é mostrar que através da história pode-se desenvolver uma infinidade de atividades que manifestam-se no comportamento e nas relações dentro e fora de sala de aula.

6.3 A história da minha família

A escola estava na semana em que se trabalharia o tema da família, decidimos que me basearia na história da minha família, o porquê dessa escolha, justamente para mostrar as crianças que cada um é diferente e está inserido em contextos diferentes, mas que não os tornam melhores ou piores que ninguém, dessa forma propagando o respeito, baseado nos campos de experiência, especificamente ao que se refere o “O eu, o outro e nós” em que diz que

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, no contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas, que geralmente ocorre na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para as crianças ampliarem o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizarem sua identidade, respeitarem os outros e reconhecerem as diferenças que nos constituem como seres humanos. (BNCC, 2017, p. 36)

Confeccionei uma casinha de papelão, os bonecos, que representavam os membros da minha família, em E.V.A presos em um palito de picolé e por fim me caracterizei de criança. Pedi para que as crianças se sentassem no chão e fui contando a história. Como elas estavam muito curiosas, queriam ficar fazendo perguntas, com um acordo decidimos que após a história, as crianças que quisessem poderiam fazer perguntas, como espécie de “ENTREVISTA”. Na entrevista, os alunos levantavam a mão e eu mediava às perguntas, tivemos perguntas do tipo: “- Qual sua cor preferida?”, “- Qual sua religião?”, “- Qual time você torce?”, “- Na sua casa tem cachorro?”, “- Qual sua comida preferida?”. O mais interessante é que depois que eu respondia, mas logo em seguida algumas crianças também

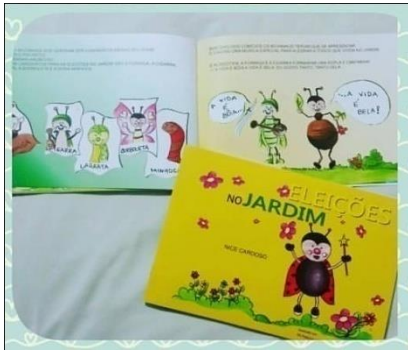
comentavam de suas preferências, ou seja, respondiam de acordo com a pergunta feita naquele momento.

Outra atividade proposta é que cada criança representaria os membros da sua família para que logo em seguida pudessem apresentar para a turma, cada um procurou em revista os rostos, os corpos seriam desenhados e pregados em palitos de picolé. Consideramos que seria importante esse momento de interação, com a participação de todos e para que os colegas conhecessem a família de cada um, uma vez que se tratava de uma turma muito heterogênea e ao mesmo tempo com muitas convergências em relação à constituição familiar, ou seja, algumas crianças estavam dentro de contexto familiar “tradicional”, outras foram criadas e pelos avós, e assim sucessivamente. Trabalhamos com algumas diferenças e ao mesmo tempo semelhanças, como por exemplo, aos colegas que tinham irmãos, que coincidiam com a quantidade de outros, quem era o colega que tinha a família maior e/ou menor, justamente com o intuito de mostrar que todos são diferentes, trazendo o quão é importante a família, independentemente de seu “formato”.

Na hora da apresentação da família foi um momento bem dinâmico, em que todos queriam “apresentar”, durante essa atividade tivemos alguns comentários: - A família do Fulano tem mais pessoas, - Esse nome é igual ao da minha tia, - A família do fulano é igual a minha, - Eu não moro com a minha vó, mas vou todo domingo na casa dela. Me surpreendi com Pedro, devido observar a apresentação dos outros colegas, na hora que foi apresentar a sua família, usou os substantivos: vó, tia, mãe, sendo que não era frequente ele usá-los, referindo-se a essas pessoas sempre pelo seu nome próprio.

Essa atividade teve como objetivo o “conhecer” e o respeito às diferenças quanto à constituição familiar, e para agregar e contextualizar as atividades que seriam realizadas durante a semana na escola, com um “picnic” das famílias no final de semana. A escolha em contar a “história” da minha família foi justamente para aproximar as crianças, percebendo que a “professora” não é alguém diferente deles.

6.4 “Eleições no jardim”



A Coordenadora Pedagógica possui um livro de sua autoria “Eleições no Jardim”, trabalhamos o livro e o mesmo foi utilizado para o projeto “Hora Alegre”. Inicialmente proporcionamos um diálogo, para que pudéssemos saber o conhecimento prévio de cada criança no que se refere “eleição”. Depois desse diálogo, entramos na história, que como o nome já indica, narra uma eleição no jardim onde estavam acontecendo “coisas estranhas”. Ao final perguntamos quem deveria ganhar as eleições, mas como houve muita agitação, achamos por bem fazer a nossa eleição, com os mesmos “candidatos” da história, separamos papel onde as crianças escreveriam a letra do seu candidato e o desenharia, para logo em seguida colocar na urna improvisada. Na hora da votação algo me chamou atenção, porque as crianças queriam esconder para quem seria o seu voto, justamente porque explicamos que o voto é secreto. Segundo Abramovich (2008, p.17) “é por meio da história que se pode saber filosofia, direito, política, sociologia, sem precisar saber o nome e sem achar que tem cara de aula.”

A “Hora Alegre” é um projeto da escola, onde todas as turmas se reúnem no pátio e cada turma escolhe algo para ser apresentado, podendo ser um poema, uma música, uma história, ficando a critério da turma e educadora decidirem. Devido à empolgação com o livro “Eleições no Jardim” resolvemos utilizá-lo na última “Hora Alegre” de 2016.

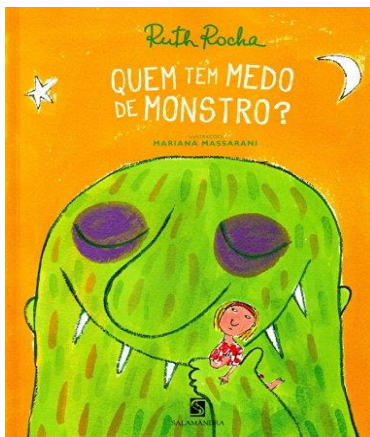
A divisão para cada personagem foi realizada mediante votação das crianças primeiramente colocávamos qual era o personagem e aqueles que tivessem interesse seriam votados e quem recebesse maior número de votos ganharia. Essa forma de dividir foi muito interessante porque não era a professora que estava impondo, e sim os próprios colegas de turma decidindo, e a criança não se sentiu em nenhum momento inferiorizado ou qualquer outra coisa.

Os ensaios foram realizados em três dias, cada criança sabia o que deveria fazer e falar. O mais dinâmico na história é que possui músicas em seu interior na parte dos “comícios, e nesses momentos todos queriam soltar a voz. No dia da apresentação caracterizamos cada criança, com acessórios, roupas de TNT etc. Tivemos algumas crianças tímidas, mas tudo ficou muito bem organizado e bastante divertido para todos da escola.

Em alguns casos colocamos mais de uma criança para ser o personagem, como uma forma de cooperação entre as crianças, principalmente, aquelas mais tímidas. A presença de outro colega os encorajava na hora de dramatizar.

As histórias sem dúvida abrangem uma quantidade de atitudes, sentimentos, costumes do dia-a-dia, que precisam ser trabalhadas no contexto educacional. Percebendo que tais mudanças eram notadas dentro e fora da sala de aula, por exemplo, no “parquinho”, no início quando um colega fazia algo que o outro julgava “errado”, corria até a professora para comunicá-la, como espécie de “fofoca”, porém com o maior entrosamento da turma nas atividades, as relações de trocas, esse tipo de conduta foi transformado em cuidado com o outro. Crianças que no início do ano não possuíam nenhum tipo de relação, começaram a sentar juntos para desenvolver as atividades, brincar e até mesmo na hora do “lanche” sentar perto.

6.5 “Quem tem medo de monstro?”



Em outro momento pegamos um livro que tratava sobre o medo, cujo nome é “Quem tem medo de monstro?” Ruth Rocha. Uma história muito envolvente que mostra que no fundo todo mundo tem medo de alguma outra coisa. E na hora do nosso costureiro diálogo, as crianças fizeram alguns comentários: “-Tia, não tenho medo de nada.”, “-Tenho medo de fantasma.”, “-Também tenho medo de barata.”, “-Tia, esse dias lá na minha casa apareceu uma barata, e meu pai matou ela.” “-Tenho medo de ficar sozinho.” Como atividade, pegamos papel coloridos e perguntamos: - Que tal confeccionarmos nosso monstro? O diálogo sempre foi a base de todas as práticas, concordando com Tacca (2006, p. 50) “O diálogo é o cerne da relação na aprendizagem, em que as partes envolvidas fazem trocas e negociam os diferentes significados do objeto de conhecimento (...)”.

Cada criança pegou a cor que quis e livremente pôde utilizar-se de sua criatividade na confecção de seu monstro, duas crianças recorreram ao livro para ver o desenho do monstro novamente, algumas meninas não quiseram fazer o monstro, e sim a bruxa. Não houve objeção. Até mesmo, a professora, o monitor e eu decidimos fazer o nosso monstro e expusemos às crianças. Algo que muitas vezes presenciamos em saídas realizadas na

faculdade, são atividades xerocadas ou pré-determinadas, tudo visando o aspecto visual e não a criatividade da criança. Entretanto a professora onde realizei meu estágio visa muito mais o que a criança pode desenvolver, mesmo que para alguns o trabalho esteja “mal feito”. E em todas as atividades propostas às crianças foram ativas, sempre querendo nos mostrar ao final de cada uma delas, o que tinham construído.

Segundo González Rey (2006) o sujeito só vai se desenvolver em sua produção singular ante a possibilidade de alimentar com sua experiência o que aprende e seu mundo com aquilo que aprende. Lembro-me de um dia que cheguei, e uma criança me disse que eu era café com leite, a princípio fiquei sem entender, mas logo em seguida me explicaram o porquê de tal comentário. A professora havia lido um livro que trata sobre raça, mas claro que dentro do entendimento das crianças, café com leite referia-se a cor da minha pele. Achei interesse a forma como as crianças tinham interiorizado tal tema, pois não estava havendo “chacotas” quanto a cor de cada um, porém os próprias crianças estavam se “nomeando”, como café, café com leite ou leite de forma muito descontraída, sendo uma forma de mostrar que somos diferentes e precisamos respeitar uns aos outros, independentemente de cor, raça, etnia etc.

Fica notória que a história não acaba naquele momento em que é contada, ela se reflete na vida da criança e as faz refletir mesmo depois, ainda mais quando essa é pensada e desenvolvida de forma prazerosa e ao mesmo tempo com um objetivo claro e definido.

6.6 A história do ajudante do dia

Quando uma criança é escolhida para ser o “Ajudante do Dia”, conta-se uma “história” sobre o mesmo, que possui seu nome completo, os integrantes da família, onde mora, a cor preferida e assim sucessivamente. A professora no início do ano enviou os “cadernos” para que todas as crianças pudessem escrever sua história para ser usada durante o ano no momento oportuno. Além das informações que contém a história, os colegas de turma possuem um momento da “Entrevista” para que possam conhecer melhor seu colega de sala. Considero essa proposta muito interessante, pelo fato de proporcionar um momento harmônico e de interação entre todos. O “Ajudante do dia” é escolhido na Segunda-feira e nesse mesmo dia, ele leva para casa um livro de sua escolha (Sacola Viajante) para ser lido com a família, juntamente com o livro é enviada uma atividade, a “Sacola Viajante” fica uma semana na casa de cada criança. A ideia de enviar um livro para casa é muito importante, para que a família também participe e interaja com a criança em sua vida educacional.

Nas atividades propostas através das histórias, como uma forma de conhecer e fazer com houvesse interação entre todos os educandos; procurávamos “dar voz” a eles, como forma de diálogo, onde os relatos enriqueciam os momentos e nos auxiliava até mesmo em relação à próxima atividade que seria “oferecida”. A importância desses momentos de conversa eram essenciais, pois buscava fazer com que cada um se sentisse parte do processo e, principalmente, valorizado. Fazendo também com que até mesmo aqueles que no início se mostravam tímidos, adquirissem outra postura e sentissem vontade de participar e compartilhar suas histórias, pois o tempo foi algo muito respeitado durante todo o processo.

As histórias utilizadas juntamente com as atividades planejadas tratavam de vários temas desde amizade, família, sentimentos, respeito, convivência, espaço, diferenças, ajuda, cooperação que refletiram de forma significativa nos relacionamentos e atitudes individuais e coletivas. Aqueles que já participavam continuaram participando, e outros que outrora não participavam passaram a participar. Dessa forma é possível perceber o papel que o educador também exerce no processo educativo, na escolha de práticas que visam garantir os direitos das crianças.

Sempre que íamos ler uma história, pedíamos que as crianças sentassem no chão, em círculo, considerando que essa organização facilita a interação e aproxima as crianças umas das outras. Transformando esse momento único e descontraído, tirando o foco daquele formato de quarteto das mesas e possibilitando que uma criança possa se relacionar com um número maior de colegas. Outro fato importante com a utilização de histórias no planejamento é que a mesma possibilita a interdisciplinaridade, envolvendo, português, matemática, ciências, história, geografia sem se quer tratar o nome com as crianças.

Através das histórias as crianças estão em constante contato com as letras e os números, o que as possibilita a entrada no mundo letrado de forma prazerosa, sem que isso lhe seja imposto e lhe traga desconfortos, como por exemplo, o “estudar” por mera obrigação. Concordando com as palavras de Vigotski

Parece claro que o domínio de um tal sistema complexo de signos não pode ser alcançado de maneira puramente mecânica e externa; ao invés disso, esse domínio é o culminar, na criança, de um longo processo de desenvolvimento de funções comportamentais complexas. (VIGOTSKI, 1984 p. 120)

Dentro de todas as histórias contadas, atividades desenvolvidas e situações vividas é notório o papel que o educador desempenha, a partir do momento que ele tem a sensibilidade

de perceber a necessidade de seu aluno e se comprometer em um objetivo que favoreça a todos.

No estágio, o comprometimento e a forma como a professora se dedicava ao trabalho, foi importante para minha formação, em querer ser uma educadora que realiza seu trabalho com eficiência, preocupando-se de fato com os sujeitos. O momento do estágio é um divisor de águas dentro do curso, é onde podemos colocar em prática o que aprendemos e, principalmente, nos entendermos como educador, nos significando e significando a alguém, que concorda com as palavras de Freire (1996, p.12) quando diz que “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

Por isso, o objetivo do trabalho foi perceber como a literatura ganha valor como prática pedagógica, sendo preciso assimilar como tal instrumento poderia ser pensado e executado afim de que trouxesse respostas favoráveis para o processo educativo. A realização deste estudo, não só teve resultados entre as crianças, mas também em minha formação, em compreender tal atribuição desde o momento que se planeja uma aula até quando a mesma é realizada, levando-nos a refletir sobre o que foi bom, o que poderia ser melhorado, ou até mesmo o que deveria ser mudado no momento de se planejar outro momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme descrito neste trabalho, é possível no decorrer deste, baseado em seu objetivo de compreender como a literatura ganha valor como prática pedagógica, quando há uma reflexão e utilização de tal prática por parte do educador, transformando as crianças e o seu desenvolvimento emocional, físico, cognitivo e social da criança.

Considerando o contexto apresentado, foi estabelecida a seguinte pergunta da pesquisa: Como no desenvolvimento, a Literatura é importante para a prática pedagógica com crianças? A qual gerou o objetivo geral: Compreender como a literatura ganha valor como prática pedagógica na Educação Infantil.

O conhecimento em relação à necessidade do aluno e de que forma as histórias podem somar nas relações e comportamentos e conseqüentemente, em sua aprendizagem e desenvolvimento. Considero a Educação Infantil como a fase essencial na vida da criança, não que as outras não sejam, mas é o momento em que a criança vivencia o novo, e a escola precisa despertar e promover o interesse nela.

Através das histórias pode-se promover um diálogo, um “desafio”, uma nova experiência. E essa experiência não acontece somente no individual, mas também no coletivo. Quanto mais se lê para as crianças e lhe é oportunizado momentos de leitura, mais está sendo favorecido o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional e social. Mesmo que a criança, como é o caso das que estão na Educação Infantil, não saiba ler, ela precisa ter contato com o livro, porque é uma forma de ter contato com o mundo letrado.

Portanto, as histórias infantis necessitam ser uma prática rotineira no espaço educativo. A valorização dessa prática possibilita o desenvolvimento integral no aluno, pois a partir dela pode-se desenvolver todo um trabalho pedagógico, onde a criança será estimulada em sua dimensão e até mesmo facilitará quando a mesma estiver imersa no mundo da leitura. Através da Literatura podemos pensar em diversas atividades contextualizadas, que de alguma forma terá reflexo na vida dos sujeitos não só intelectualmente, mas também socialmente.

De acordo, com as observações e práticas, o uso da literatura trouxe mudanças nas relações e formas de interagir, porque a história e as atividades propostas a partir da mesma permitiram que cada educando interiorizasse uma forma de ver e se relacionar com o mundo e os sujeitos a sua volta.

As possibilidades da literatura dentro da Educação Infantil foram percebidas ao longo do estágio supervisionado, permitindo que os educandos se envolvessem, interagissem e desenvolvessem, gradativamente, o convívio diário em todos os aspectos.

Ao iniciar o estágio, percebia pouca interação entre os alunos, e dificuldade de se expressar, por exemplo, falar sobre si, situações do seu dia-a-dia, mas os via muito interessados nos momentos das histórias. A literatura traz uma infinidade de conteúdos de forma dinâmica, que retratam acontecimentos corriqueiros que se relacionam a vida das crianças, sendo uma prática pedagógica importante que busca aproximá-las do processo educativo.

É preciso que o educador enxergue a literatura como instrumento que auxilie na construção da identidade, que facilite o explorar, o criar, imaginar, proporcionando uma compreensão de si próprio, percebendo e atribuindo importância ao outro. Por isso a concepção do educador a respeito das histórias é tão necessária também, não se “ocupando” delas como preenchimento de tempo, refletindo constantemente sobre seu uso, suas práticas e principalmente entendendo-se como sujeito que ensina, mas que por sua vez, aprende. Ao mesmo tempo em que os educandos aprendem, eles têm muito a nos ensinar, ou seja, a educação se dá em uma “via de mão dupla”.

A utilização da literatura, dos momentos de leitura e atividades favorece um ambiente saudável e agradável a todos, onde há maior participação, uma melhora significativa nos relacionamentos, por exemplo, dar voz e ouvir o que o outro tem a dizer, auxilia no respeito às diferenças, na necessidade da cooperação, o entender e aceitar o espaço e tempo do outro nas atividades e até mesmo nas brincadeiras.

Enfim, considero que os resultados deste trabalho, foram gratificantes e conseguiram responder às expectativas, uma vez que a literatura como prática pedagógica trouxe mudanças nas formas de se pôr nas atividades, ou seja, nas interações das crianças da Educação Infantil. Da mesma forma que contribuiu na reflexão sobre meu papel como educadora e parte integrante do processo educativo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2008. 177 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular/** Secretária de Educação Básica – Brasília: MEC 2016 2ª versão. Acessado em <<http://www.consed.org.br/download/base-nacional-comum-curricular-2a-versao-revista>> em 08 de Abril de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular/** Secretária de Educação Básica – Brasília: 2017 3ª versão, documento em construção no Conselho Nacional de Educação. Acesso em 08 de Abril de 2017. Acessado em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf> em 08 de Abril de 2017

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2013.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Lei nº 8069 de 13 de Julho de 1990. Acesso em: <www.planalto.gov.br> em 08 de Abril de 2017

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei nº. 9394/196. Brasília: Senado Federal, 1996.

CADEMARTORI, Lígia . A questão do adjetivo. In: CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 21-32.

CADEMARTORI, Lígia . Começou com Perrault. In: CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 33-42.

CADEMARTORI, Lígia . A produção nacional. In: CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 43-65.

CADEMARTORI, Lígia . Literatura nos primeiros anos. In: CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.p. 66-87.

FREIRE, Paulo. Não há docência sem discência. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. cap. 1, p. 11-26.

FREIRE, Paulo. Ensinar não é transferir conhecimento. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. cap. 2, p. 27-55.

KAERCHER, Gládis E. . E por falar em Literatura... In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. (Org.). **Educação infantil: Pra quê te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001. cap. 7, p. 81-88.

LUDKE, Menga ; ANDRÉ, Marli E. D. A. . Abordagens qualitativas de pesquisa: A pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: LUDKE, Menga ; ANDRÉ, Marli E. D. A. . **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. . ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986. cap. 2, p. 11-24.

LUDKE, Menga ; ANDRÉ, Marli E. D. A. . Métodos de coleta de dados: Observação, entrevista e análise documental. In: LUDKE, Menga ; ANDRÉ, Marli E. D. A. . **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. . ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986. cap. 3, p. 25-44.

MADEIRA-COELHO, Cristina M. Formação Docente e sentidos da docência: o sujeito que ensina, aprende. IN: MARTINEZ, Albertina Mitjans; SCOZ, Beatriz Judith Lima; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. **Ensino e Aprendizagem: a subjetividade em foco**. Brasília: Liber Livros, 2012.

REY, Fernando L. González . O sujeito que aprende: Desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In: TACCA, Maria Carmen V. R. . **Aprendizagem e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Alínea, 2006. cap. 2, p. 29-43.

ALVES, Rubem. Sobre jequitibás e eucaliptos : amor. In: ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar** . São Paulo: Cortez, 1980. p. 9-27.

SMOLKA, Ana Luíza Bustamante. Criação e Imaginação. In: SMOLKA, Ana Luíza Bustamante. **Imaginação e Criação na Infância**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2009. cap. 1, p. 11-18.

SMOLKA, Ana Luíza Bustamante. Imaginação e Realidade. In: SMOLKA, Ana Luíza Bustamante. **Imaginação e Criação na Infância**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2009. cap. 2, p. 19-34.

SOUZA, Helen Danyane Soares Caetano de; SERAFIM, Mônica de Souza . A mediação da leitura na educação infantil: Onde a leitura de mundo precede a das palavras. In: BORTONIRICARDO, Stella Maris et al. **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012. cap. 1, p. 19-41.

TACCA, Maria Carmen V. R. Estratégias Pedagógicas: Conceituação e desdobramentos com foco nas relações professor-aluno . In: TACCA, Maria Carmen V. R. (Org.). **Aprendizagem e Trabalho Pedagógico**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006. cap. 3, p. 45-68.

VYGOTSKY, L. S. . O instrumento e o símbolo no desenvolvimento da criança. In: VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente** . 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984. cap. 1, p. 21-33.

VYGOTSKY, L. S. . O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente** . 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984. cap. 7, p. 105-118.